TRIVIIS
Anais de **Conferências** e **Mesas** de **Debates** do
Seminário Internacional de Pesquisas
em **Midiatização** e Processos Sociais

O homem, um signo: considerações semióticas sobre mediação e midiatização[1]

Man, a sign: semiotic considerations on mediation and mediatisation

Clotilde Perez[2]

Resumo: Mediações e midiatizações são conceitos centrais na pesquisa comunicacional, principalmente com a expansão das mídias vivenciada a partir de meados do século XX. Até por isso demanda uma mirada teórica plural e uma abordagem metodológica que brote da articulação de múltiplas referências postas em diálogo, exercitadas e abertas às correções, como discutida na obra "Mediações: perspectivas plurais" (Perez & Trindade, 2020). Assim, a partir desta posição, o objetivo do presente artigo é colocar em evidência a potência da semiótica de Charles Peirce (1988) à compreensão das mediações e midiatizações, dado que seu fundamento está no signo e que signo é mediação. As distintas contribuições de autores que são referências no campo como Braga (2012), Ferreira (2016), Fernández (2015, 2021, 2024), Carlón (2009, 2016), Scolari (2015), Martín-Barbero (1997), Verón (1992, 2014), Lopes (2014, 2018) e outros, aos estudos midiáticos, são também fundadas na semiótica, ainda que não nomeadas desta forma. Com isso, concluímos que midiatização é semiose – ação do signo nas mídias - ainda que nem toda semiose seja midiática, uma vez que a ação do signo não se limita aos suportes e as linguagens humanas; medição é signo, portanto base do pensamento e das suas expressões corporificadas na cultura, mas também são o fundamento dos fenômenos naturais e maquínicos, descentrando o antropocentrismo tão recorrente no campo.

Palavras-chave: mediação; midiatização; semiótica; signo; Peirce.

[1] Conferência apresentada no VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM e ECA-USP na "MESA 6 — Interfaces: mediações e midiatizações (das tradições, conversações e perspectivas)".

[2] Professora titular de Semiótica e Publicidade da ECA USP. Coordenadora do PPGCom – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da USP. Presidente da FELS – Federación Latino-americana de Semiótica. cloperez@usp.br.

Abstract: Mediations and mediatizations are central concepts in communication research, especially with the expansion of media experienced since the mid-20th century. This is why it requires a plural theoretical perspective and a methodological approach that arises from the articulation of multiple references placed in dialogue, practiced and open to corrections, as discussed in the work "Mediations: Plural Perspectives" (Perez & Trindade, 2020). Thus, from this position, the objective of this article is to highlight the power of Charles Peirce's semiotics (1988) in understanding mediations and mediatizations, given that its foundation lies in the sign, and the sign is mediation. The distinct contributions of authors who are references in the field, such as Braga (2012), Ferreira (2016), Fernández (2015, 2021, 2024), Carlón (2009, 2016), Scolari (2015), Martín-Barbero (1997), Verón (1992, 2014), Lopes (2014, 2018), and others, to media studies, are also grounded in semiotics, even if not explicitly named as such. Therefore, we conclude that mediatization is semiosis – the action of the sign in the media – even though not all semiosis is mediatic, since the action of the sign is not limited to human media and languages; measurement is a sign, and thus the foundation of thought and its expressions embodied in culture, but also the foundation of natural and mechanical phenomena, decentering the anthropocentrism so prevalent in the field.
Keywords: mediation; mediatization; semiotics; sign; Peirce.

1. Considerações iniciais

São muitas as possibilidades de pensar e compreender as mediações e as midiatizações a partir de matrizes teóricas distintas, dado que seus objetos são diversos, complexos e em crescimento, por isso demandam perspectiva plural, atualizada e articulada. O texto “Midiatização como processo interacional de referência” de Braga (2007), bem como “Fragmentos de uma analítica da midiatização” de Fausto Neto (2008) são marcos destacados nesta problemática de pesquisa e dialogam com Verón (1992) na compreensão *de “... uma sociedade em vias de midiatização”.* A obra “Mediação & Midiatização” organizada por Mattos; Janotti Jr e Jacks (2012) é outra referência nesta discussão a partir das pesquisas apresentadas em alguns Grupos de Trabalho - GTs da

Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Estas obras e outras não referidas, contribuíram de forma decisiva aos estudos midiáticos e seus autores foram e são responsáveis pela formação de muitos pesquisadores que constituem o campo da pós-graduação em Comunicação no país.

Em 2020, ainda durante a pandemia, Clotilde Perez e Eneus Trindade organizaram o livro "Mediações: perspectivas plurais", com o objetivo de trazer diversidade e interdisciplinaridade às reflexões sobre o tema por meio de diálogos com pesquisadores de áreas não necessariamente implicadas nessa discussão pela via das mídias, como acontece nos programas de pós-graduação em Comunicação, ao menos, no Brasil e na América Latina. Uma abordagem essencialmente antropológica foi aportada por Roberto DaMatta (2020) onde uma das visões possíveis para mediação foi o debate sobre os fundamentos da "Antropologia cultural" situada entre "As presunções da Economia e da Ciência Política e a singularidade da Psicologia e da História". DaMatta (2020, p. 32) se auto intitula mediador, uma vez que todo estudioso de culturas desconhecidas é um intermediário – *"um hóspede não convidado de seres humanos que um dia descobriram o fato inexorável de que viviam em um território que era parte de uma categoria sociopolítica denominada "Estado nacional soberano", e que essa terra que eles ocupavam desde a criaçã o do mundo, não lhes pertencia".* Em outro texto brilhante "O que é o Brasil?" DaMatta discorre sobre a essência mediadora do brasileiro que é capaz de engendrar personagens intermediários, gente que permite a conciliação de tudo o que a sociedade mantém dividido, casos como o de Pedro Malasartes, Dona Flor, João Grilo e tantos outros que atestam nossa inserção triádica como um modo de vida. Nas relações institucionais também somos mediação: entre eu e Deus, adoramos Nossa Senhora; entre eu e o Estado, utilizamos o despachante. E ainda mais *"O Brasil ultrapassa os dualismos nele contidos. Entre nós, a lógica exclusiva do dentro ou fora; do certo ou errado; do homem ou mulher; do casado ou separado; de Deus ou do Diabo; do preto ou branco não ajuda muito. Pois sempre existe um terceiro termo ou um elemento mediador"* (DaMatta, 2004, p. 23). A mediação é parte da nossa identidade, como pode ser conferido nas reflexões do autor sobre a malandragem e o jeitinho brasileiro, como um modo de navegação social fundado na mais pura mediação.

As reflexões de Christian Dunker (2020, p.44) dão o tom da mediação na perspectiva psicanalítica, afirmando que *"O papel do psicanalista é realizar uma espécie de mediação simbólica, integrando desejos e pulsões, regredindo metodicamente aos momentos históricos cruciais, o que faria o sujeito adquirir autonomia e atividade diante de sua experiência estética e de sua vida psíquica em geral, antes experimentada em alienante passividade*". Em outro momento, Dunker reforça a compreensão da cura psicanalítica como uma cura ética e estética, decorrente justamente da mediação empática do analista. Com isso, fica evidente a centralidade da mediação na prática psicanalítica e sua potencialidade no restabelecimento da saúde mental.

As contribuições de Diego Faleck, jurista, dão conta da mediação como mecanismo de resolução de disputas jurídicas em uma perspectiva de "negociação", ou seja, busca de métodos consensuais de solução de tensões, controvérsias e conflitos; aqui a mediação se apresenta como conciliação, em seu viés pacificador e harmonizador das relações, como acordo e como prevenção de processos judiciais mais custosos e danosos.

Nilda Jacks traz as contribuições da teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero buscando esmiuçá-la em seus meandros e evoluções, além de aportar colaborações críticas de vários outros autores como Signates (1998), Fuentes (1998), Canclini (2008); Orozco (1998); Ollivier (2008) etc. Ademais de nos oferecer um texto bastante referencial em parceria com Daniela Schmitz *"Os meios em Martín-Barbero; antes e depois das mediações"* (Matrizes, vol.12, 2018). Nesta mirada, adicionamos ainda as contribuições acerca da compreensão implicada de Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2018, 2014) sobre as mediações em Martín-Barbero, que são referências obrigatórias ao entendimento do estudo das mediações na América Latina, em uma abordagem de base sociológica e cultural.

Importante destacar a compreensão da mediação a partir da teoria semiótica de Charles Sanders Peirce, que na referida obra surge no texto de Clotilde Perez em parceria com Eneus Trindade, intitulado "Mediações do consumo: uma perspectiva antropossemiótica", mas também nos textos de Lucia Santaella "Signo é mediação" e de Richard Grusin, doutor em mídia pela Berkeley University e professor na Universidade de Wisconsin, intitulado "Mediação radical". Em Peirce, e reapropriado nos textos anteriormente citados, com os quais, comungamos da mesma filiação teórica, destaca-se

o entendimento de mediação como sinônimo de signo, ou seja, signo é mediação e medição é signo. A partir da concepção radical de signo em Peirce que define ser qualquer coisa que conduz a alguma coisa (interpretante) e refere-se a uma outra coisa (objeto) em processos de significação *ad infinitum*, ou simplesmente semiose ilimitada (Peirce, 1988, p. 74), instaura-se uma impossibilidade de pensar ou profetizar o entendimento da mediação como algo diferente do viver, uma vez que o signo está na base das relações humanas, dos fenômenos de origem diversa, inclusive dos fenômenos naturais.

2. Signo é mediação

A ação do signo é ser mediador entre o objeto e uma mente interpretadora na qual irá produzir um efeito que é mediatamente devido ao objeto. Portanto, todos os processos da vida cotidiana acontecem independente da nossa ação consciente, deliberada e autocentrada. Os efeitos de significação estão contidos no signo, mesmo que a mente interpretadora não os alcancem (compreenda ou interprete). Segundo Peirce (1988) *"Minha linguagem é a soma total de mim mesmo, pois o homem é pensamento"*. Se o nosso pensamento se dá em signos e se somos pensamento, nada pode estar fora do signo, portanto nada está fora da mediação. Nossa mente é mediação, nosso corpo é mediação – inclusive para milhões de outras espécies que nos habitam. Assim, mediação é o que somos.

Para contribuir com algumas reflexões sobre midiatização a partir de outra linha da semiótica, recorremos a Eliseo Verón, semioticista argentino, que em um texto publicado em Matrizes (v.8., n1., 2014), chama a atenção para a dimensão processual que a midiatização impõe quando afirma *"A midiatização ... é um resultado operacional de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose"*. É claro que essa capacidade – de produzir significados – evolui e é afetada pelo contexto – espaço-tempo-identidade, pela cultura (i)material e pelos dispositivos tecnológicos desenvolvidos e assimilados por nós. Verón continua *"Fenômenos midiáticos são, de fato, uma característica universal de todas as sociedades humanas, pois revelam as buscas e criações humanas no sentido de materializarem o pensamento ... "* e que seguem em contínuo desenvolvimento, como bem afirma Fernandez (2024) na obra "Las cuatro revoluciones invisibles", destacando a revolução permanente das

audiências em mobilidade nas sociedades atuais e anteriormente em suas análises *"Cada um dos momentos se relaciona com mudanças, sem representar o fim da anterior, nem rupturas definitivas com a continuidade"* (2021, p.18) ou ainda da discussão provocativa de Fechine & Carlón (2022) sobre o "Fim da televisão" não como desaparecimento mas, como término de uma compreensão de televisão quando dos seus inícios em meados do século XX. Esta afirmação se alinha com o pensamento de Briggs & Burke (2004) sobre o empilhamento midiático, relativizando os discursos apocalípticos simplistas que insistem em matar "velhas" mídias quando do surgimento de "novas".

O desejo daquele humano habitante da terra há 11 mil a.C., (que pintou o bizonte de Altamira, na Cantábria, por exemplo) já se manifestava em semiose e se materializava na midiatização, ou seja, temos ali um fenômeno comunicacional muito potente, além de arte, se quisermos ter em conta esta abordagem. As paredes foram o suporte possível para expressão do pensamento e do desejo mimético daquele indivíduo que o fez e a pintura rupestre (com fluidos naturais) a linguagem possível naquele momento. Este exemplo simplista evidencia a indissociabilidade entre mediação e vida em sociedade, mesmo nos primórdios das civilizações e coloca em relevo a semiose ilimitada porque seguimos, muitos séculos depois, interpretando cada fragmento da mensagem visual impressa naquela rocha imóvel, como caminho para compreensão do passado e, quiçá, entendimento do presente-futuro, além da reprodutibilidade desta imagem materializada em uma vasta cultura material de consumo colocada em circulação, de estampas e vestuário a objetos de decoração que não cessam de produzidos novos significados.

O ponto central aqui e em todos os fenômenos midiáticos de exteriorização dos processos mentais é que há um fundamento e uma consequência tripla, regida, segundo a teoria de Charles Peirce pelas categorias do pensamento e da experiência, a primeiridade – qualidade de sensação - que pressupõe autonomia dos emissores e receptores dos signos corporificados, como resultado da exteriorização; secundidade – existente concreto - é a dimensão contextual, portanto espaço-temporal desses signos; e terceiridade é a síntese intelectual, que incorpora a dimensão cultural e simbólica, os processos cognitivos envolvidos, a inteligência dos intérpretes e o crescimento ilimitado do signo. Assim, as três categorias da experiência e do pensamento, fornecem as condições para a compreensão dos processos sígnicos midiáticos, destacando sua dimensão cultural e a

necessidade inexorável de ter em conta a transitoriedade como certeza, dado que os signos, todos eles, estão em crescimento, fundamento tanto do Falibilismo quanto do Pragmatismo peirceano. Também as mediações estão em crescimento. Charles Peirce era um empirista (Perez, 2023) e o pensamento acerca das consequências práticas de suas investigações sempre esteve presente na sua conduta científica, inclusive no próprio entendimento dos processos cognitivos, a saber *"O mundo interior somente parece ser cognoscível pela maneira pela qual se torna existente em alguma pluralidade de atos"* (Peirce, in Ibri, 2015, p. 144), dito de outra maneira, só podemos compreender o pensamento pelas ações. Na concepção peirceana, os processos de cognição são evolutivos e requerem um universo experiencial que estabeleça o significado e a veracidade de uma concepção, ainda que falíveis e sujeitos a um mecanismo corretivo imposto pela própria experiência. Nesse sentido, Peirce nos fornece um caminho para a compreensão das mediações e midiatizações tendo em conta as categorias universais, o que permite a entrada na investigação com muito mais propriedade e segurança condições próprias do método científico, uma vez que impõe à pesquisa o percurso a partir da experiência sensível - primeiridade - antes da entrada em ação do pensamento guiado por um fim – secundidade (determinado pelos objetivos, hipóteses e inferências que são parte de todo e qualquer projeto de investigação), que nos guiará à compreensão – terceiridade.

Para encaminhar a discussão é interessante notar o quanto é convergente o conceito de mediação dos estudiosos das midiatizações como José Luís Braga e outros autores que fazem parte da experiência epistemológica do sul – como citado por Jairo Ferreira, durante o Seminário Midiaticom 2024, com a concepção peirceana de signo, ainda que não se nomeie e não se reconheça desta forma, mas isto também não é um problema, uma vez que na semiótica de Peirce não há espaço para antropocentrismos; o signo "fala", mesmo que não seja pela boca dos humanos. E a realidade é acessada pelos signos. É fundamental conciliar esta proposição semiótica com o que Braga afirma (2012, p. 32)

> Em perspectiva epistemológica, trata-se do relacionamento do ser humano com a realidade que o circunda, que inclui o mundo natural e a sociedade. A ideia de mediação corresponde à percepção de que não temos um conhecimento direto dessa realidade – nosso relacionamento com o "real" é sempre intermediado por um "estar na realidade" em modo situacionado, por um ponto

> de vista – que é social, cultural, psicológico. O ser humano vê o mundo pelas lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu momento.

Esta proposição de Braga, além de ser totalmente semiótica, chama a atenção para o fato de que vivemos o "real" sempre mediado, condicionado pelas "lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu momento" e, seguindo nesta reflexão, acrescentaríamos, também condicionado pela natureza e pela condição psíquica que nos constitui.

Adensando nosso percurso, temos em conta que o próprio Martín-Barbeiro já tirava a ênfase dos estudos das mediações centrados nas lógicas da produção e nas competências da recepção em uma perspectiva e de outra nas matrizes culturais e formatos industriais, passando posteriormente à centralidade do que ele chamou de "comunicativo" ou das "mediações comunicativas da cultura" (Martín-Barbero, 2009, p. 152). A evolução do seu pensamento, expressa nas cartografias inicias e nos diferentes mapas das mediações que publicou durante sua vida intelectual, expõe a compreensão alargada e evolutiva dos processos comunicacionais. Assim, é possível entender comunicativo como semiótico e as mediações comunicativas da cultura como semioses ilimitadas, ou seja, o signo em funcionamento, por isso, também Martín-Barbero nos oferece uma concepção semiótica das mediações sem nomeá-la. Mediação é signo também aqui.

3. Midiatização é semiose ainda que nem toda semiose seja midiática

Retomando Verón (2014) midiatização é processo e o autor é claro quando enfatiza que o processo a que se refere é a semiose, ou seja, processo de significação, considerando *"...exteriorização dos processos mentais na forma de dispositivos materiais*", manifestação de ideias através de meios, suportes pelos quais as linguagens se concretizam e fluem. Daí a frequente associação de midiatização com a própria história e evolução das mídias (Scolari, 2025 e Fernández, 2024).

Podemos citar alguns momentos que vêm sendo problematizados e que se constituem em marcos destacáveis do processo histórico midiático, que trazem muitas consequências para a vida em sociedade, sendo uma das mais impactantes, a aceleração o tempo histórico, como bem afirma Fernández (2021). O surgimento da escrita

cuneiforme na Mesopotâmia (3.500 a.C.) e dos hieróglifos no Egito; o nascimento do livro com as tábuas de argila; a revolução da imprensa com Gutenberg (1450), a proliferação de cartazes, panfletos e catálogos, o crescimento dos jornais impressos; os novos dispositivos técnicos que permitiram o surgimento de fenômenos midiáticos por meio da produção indicial de imagens e sons, do cinema, da televisão, e da internet, agora atravessada pelas lógicas algorítmicas com suas correlações cada vez mais precisas e pela Inteligência Artificial e seus mecanismos potencializadores como o aprendizado de máquina, todos estes dispositivos e suas linguagens são objetos dos estudos midiáticos. Nesse sentido, a midiatização poderia ser compreendida apenas como o nome para a longa sequência histórica de fenômenos e meios criados pelos humanos, mais ou menos institucionalizados, suas materialidades, diferentes códigos expressivos e disseminados pelos usos e reflexões que suscitam, pelas linguagens cada vez mais plurais e interconectadas e suas múltiplas consequências, potencialidades e tensões nos diferentes aspectos da vida cotidiana, incluindo a pesquisa e o conhecimento científico sobre elas. Envolve ainda uma imensa diversidade de fenômenos que convivem de natureza, porte, funcionamento e influência muito diferentes, de natura massiva e individual (Carlon & Scolari, 2009) e como Fernández relembra (2023, p. 25) "[…] desde os meios massivos como o rádio e a TV até os interindividuais, como telefone e email, desde as plataformas generalistas como o Facebook ou Instagram até os diversos apps da vida cotidiana como o home banking e os apps de compra de produtos", a ecologia dos meios é complexa, por isso, instigante e está em crescimento.

Outra questão recorrente nas discussões sobre as midiatizações é a tecnologia. Ela própria – a tecnologia – pode ser compreendida como mediação como nos oferece Heidegger (2002) *"*A tecnologia é a mediadora entre o homem e a natureza bruta". Sobre este tema, Braga (2012, p. 36) adiciona "[…] entendemos que os processos comunicacionais não decorrem simplesmente da invenção tecnológica. É preciso um componente diretamente social no processo". Esta afirmação nos leva ao aprofundamento das dinâmicas que incorporam o estudo dos meios e das mediações como bem esclareceu Martín-Barbero (2009) entrevista concedida à Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Importam os meios e importa o que fazemos com eles.

Scolari (2015) traz importantes aportes à discussão com a proposta de articulação entre ecologia midiática a partir das contribuições inaugurais de M. McLuhan, N. Postman e W.Ong e a semiótica das midiatizações por meio das análises de duas questões centrais, o estudo dos ambientes e as afetações dos sujeitos que os utilizam e o estudo dos meios como espécies, suas características, sinergias e conflitos (2015, p. 30), implicações decorrentes da tomada metafórica da mídia como ecologia. Esta mirada aprofunda e complexifica o entendimento das midiatizações uma vez que problematiza não apenas os meios e suas interpretações, mas também traz abertura às mutações decorrentes destas interações, no sentido do crescimento sígnico, chamado pelo autor de "nova ecologia dos meios", centrada nas mudanças profundas nas formas de produzir, distribuir e consumir conhecimento. E ainda há um outro componente já contemplado em Fernández (2021) e Verón (2014) que é a aceleração, Scolari firma (2015, p. 31) "No caso das tecnologias digitais em rede sua penetração e expansão foi tão rápida que estamos falando de uma ou duas gerações. A WWW tem menos de dez mil dias de vida".

Assim, contestamos a ideia de que "Midiatização não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades. É primariamente um desenvolvimento que se acelerou particularmente nos últimos anos do século XX, em sociedades modernas, altamente industrializadas e predominantemente ocidentais, ou seja, Europa, EUA, Japão, Austrália e assim por diante" (Hjarvard, 2008, p. 113). Esta é uma visão eurocentrada, elitista, rasa e preconceituosa sobre o que é midiatização. A busca de mecanismos para expressão do nosso pensamento sempre esteve na base de nossas ações, antes a pedra, a madeira e o papiro eram os suportes, depois o papel, a película, agora o digital e suas múltiplas linguagens que operam nas lógicas algorítmicas. Ainda que seja incontestável a aceleração da midiatização a partir do século XX decorrente dos desenvolvimentos tecnológicos e seus impactos sensíveis e cognitivos para os indivíduos e suas relações, como quer Hjarvard (2008), negar o passado midiático das sociedades originárias, é negar a semiose, é desdenhar da nossa própria condição criativa na expressão do pensamento, que se dá e se manifesta em signos, portanto se dá na mediação, no Ocidente e no Oriente, no Sul e Norte, na Cultura e na Natureza, querendo Hjarvard ou não.

4. Considerações finais

Retomando a questão central da presente reflexão que era compreender as mediações e as midiatizações a partir da semiótica de Charles Sanders Peirce, finalizamos este percurso com o entendimento do fundamento semiótico presente nestes conceitos vindos de matrizes teóricas distintas, mesmo que não nomeados desta forma.

Desde as reflexões antropológicas, psicanalíticas, sociológicas ou mesmo jurídicas apresentadas na obra Mediações: perspectivas plurais (Perez; Trindade, 2020), passando pela experiência coletiva epistemológica do Sul, com Braga (2007, 2012), Ferreira (2016), Verón (2014), Fausto Neto (2008), Fernández (2021, 2023, 2024), Carlón (2012), Carlón e Scolari (2009) e Scolari (2015), até as mediações comunicativas da cultura de Martín-Barbero (1997) e as leituras contributivas de Jacks (2020) e Lopes (2014, 2018), todas elas, se referem a um conjunto de fenômenos que se constituem a partir do signo e problematizam os processos de significação que são a base da semiose.

Em um exercício de síntese conceitual podemos compreender mediação e midiatização da seguinte forma:

- Midiatização = Semiose;
- Mediação = Signo.

Este entendimento, aparentemente simples, traz consequências teóricas e metodológicas importantes. Midiatização é a ação do signo, isto implica entender que midiatização é o processo signico instaurado pelos fenômenos que se apresentam. E o caminho para a investigação só pode se dar pelas categorias do pensamento e da experiência, que na busca de generalização máxima, levou Peirce a síntese expressa na primeiridade, secundidade e terceiridade. Da experiência sensível para o fenômeno existente, chegando à interpretação, este é o caminho analítico que herdamos de Peirce. Outra implicação teórica é que, se mediação é signo, a única abordagem consequente e responsável das mediações é aquela dada pela certeza do falibilismo – a provisoriedade do conhecimento, mesmo o científico - e vinculada ao pragmatismo, ou seja, fazer ciência a partir da realidade e em busca da razoabilidade concreta. Um aspecto adicional à compreensão semiótica das mediações e midiatizações é que o reducionismo decorrente do midiacentrismo e do antropocentrismo tão frequentes nas pesquisas do campo comunicacional, deixa de fazer sentido. A semiótica de Peirce se orienta aos fenômenos humanos de produção de significados, mas também aos fenômenos naturais e maquínicos.

.

Referências

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In MATTOS, M.A; JANOTTI Jr. J.; JACKS, N. (Orgs.). *Mediação & midiatização*. Salvador: EdUFBA/Compós, 2012.

BRAGA, José Luiz. Midiatização como processo interacional de referência. In MÉDOLA, Ana Silvia; ARAÚJO, Denize; BRUNO, Fernanda (orgs.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Livro XV Compós. Porto Alegre: Sulina, 2007.

BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. De Gutenberg à Internet. São Paulo: Zahar, 2004.

CARLÓN, Mario. Apropiación contemporánea de la teoría comunicacional de Eliseo Verón. In VIZER, Eduardo; VIDALES, Carlos (coords). *Comunicación, campo(s), terías y problemas*. Una perspectiva internacional. Salamanca, Comunicación social, 2016.

CARLÓN, Mario. La cultura mediática contemporánea: otro motor, otra combustión. (Segunda apropiación de la teoría de la comunicación de Eliseo Verón: la dimensión espacial). Em CARLÓN, Mario; SCOLARI, Carlos (eds.). *El fin de los medios masivos. El comienzo de un debate*. Buenos Aires: La Crujía, 2009.

CASTRO, P. (Org.). *A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento*. Maceió, Brasil: Edufal, 2017.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. *Matrizes*. São Paulo. v.1, n.2, 2008.

FECHINE, Yvana; CARLÓN, Mario. *O fim da televisão*. São Paulo: Confraria do Vento, 2022.

FERNÁNDEZ, José Luis. *Vidas midiáticas*. Entre lo masivo y lo individual. Buenos Aires: La Crujía, 2021.

FERNÁNDEZ, José Luis. *Plataformas mediáticas*. Elementos de análisis y diseño de nuevas experiências. Buenos Aires: La Crujía, 2021.

FERNÁNDEZ, José Luis. *Una mecânica metodológica*. Para el análisis de las mediatizaciones. La Crujía, 2023.

FERNÁNDEZ, José Luis. *Las cuatro revoluciones invisibles*. Audiencias, de antes de la radio hasta después del podcast. Buenos Aires: SB, 2024.

FERREIRA, Jairo. La construcción de casos sobre mediatización y circulación como objetos de investigación: de las lógicas a las analogías para estudiar la explosión de los

desfasajes. In VIZER, Eduardo; VIDALES, Carlos (coords). *Comunicación, campo(s), terías y problemas*. Una perspectiva internacional. Salamanca, Comunicación social, 2016.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaios e conferências*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HJARVARD, Stig. The Mediatization of Society. A Theory of the Media as Agents of Social and Cultural Change. *Nordicom Review*, vol. 29, n. 2, p. 105-134, 2008.

IBRI, Ivo. Kósmos Noetós. *A arquitetura metafísica de Charles Sanders Peirce*. São Paulo: Paulus, 2015.

IBRI, Ivo. Semiótica e Pragmatismo. Interfaces teóricas. Vol. 1 São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

JACKS, Nilda. Mediação em Jesús Martín-Barbero: circulação e apropriação da noção. In Perez, Clotilde; TRINDADE, Eneus (orgs). *Mediações*: perspectivas plurais. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2020.

LOPES, Maria Immacolata V. de. A teoria barberiana da comunicação. *Matrizes*, v.12, n1, 2018.

LOPES, Maria Immacolata V. de. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *Matrizes*, v.8, n. 1, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações*. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Uma aventura epistemológica*. Entrevistador: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Matrizes. São Paulo, v2, n2, 2009.

MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI Jr, Jeder; JACKS, Nilda (orgs). *Mediação & Midiatização*. Salvador: EdUFBA, 2012.

PEREZ, Clotilde; TRINDADE, Eneus (orgs.). *Mediações*: perspectivas plurais. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2020 .

PEREZ, Clotilde (Org.). *Charles Sanders Peirce*: a fixação da crença. São Paulo: Paulus, 2023.

SCOLARI, Carlos (Ed.). *Ecología de los medios*. Entornos, evoluciones e interpretaciones. Barcelona: Gedisa, 2015.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *Matrizes*, v.8, n. 1, 2014.

VERÓN, Eliseo. *Interfaces*. Sobre la democracia audiovisual evolucionada. Barcelona: Gedisa, 1992. Disponível em: https://semioticaderedes-carlon.com/wp-content/uploads/2018/04/Veron-Interfaces.Cpodelasimagenes.pdf .